

Reflexões sobre Abordagens Teórico-metodológicas para os Estudos de Recepção na América Latina¹

Gilmara Roberto MOREIRA²
Nélia Rodrigues Del BIANCO³
Universidade Federal de Goiás, Goiânia, GO

RESUMO

O presente trabalho apresenta uma discussão teórico-metodológica acerca dos estudos de recepção com o objetivo de reunir abordagens de autores e campos de pesquisa que se dedicam a estudos das audiências. Especialmente pela contribuição acadêmica de pesquisadores da América Latina, o presente estudo mostra que muitos avanços conceituais já podem ser observados, entre eles a própria concepção da capacidade de negociação dos receptores. Nesse viés, acredita-se que os estudos de recepção podem contribuir o desenvolvimento de estudos em comunicação mais sólidos do ponto de vista de sujeitos dotados de capacidades próprias de construções de significados.

PALAVRAS-CHAVE: Estudos Culturais; estudos de recepção; audiências; mediações; codificação/decodificação.

1. INTRODUÇÃO

Estudar a mídia e suas conseqüentes influências no meio social é uma prática entre estudiosos oriundos de campos de atuação muito mais diversificados do que aqueles que se debruçam exclusivamente sobre a comunicação. Psicólogos, antropólogos, filósofos, cientistas políticos, sociólogos, entre tantos outros, encontram nas mídias uma linha transversal para compreender o mundo social a partir de seus campos científicos e epistemológicos.

A mídia assume esse papel por estar relacionada diretamente às construções que os indivíduos fazem do mundo, de diferentes culturas e até de si mesmos. Por isso, a circulação de produtos e conteúdos midiáticos, bem como a maneira como são recebidos e ressignificados pelos indivíduos, oferece tantas referências para estudos em diferentes áreas das ciências humanas e sociais.

Silverston (2014) defende o estudo da mídia por sua importante relação com as experiências vividas pelos sujeitos no mundo. O autor considera a mídia como

¹ Trabalho apresentado no GT Pensamento Comunicacional, do PENSACOM BRASIL 2017.

² Mestranda em Comunicação do Programa de Pós-Graduação em Comunicação da FIC-UFG, email: gilmararobertom@gmail.com.

³ Doutora em Comunicação pela ECA-USP com estágio de pós-doutorado em Comunicação pela Universidad de Sevilla. Professora colaboradora do PPGCom da FI-UFG; e-mail: nbianco@uol.com.br

fundamental para nossa vida cotidiana, que deve ser estudada como “algo que contribui para nossa variável capacidade de compreender o mundo, de produzir e partilhar seus significados” (SILVERSTON, 2014, p. 13).

Silverston (2014) compreende ainda que a mídia é influenciada histórica, política e economicamente. E que essas influências formam um processo de mediação sobre o qual a mídia deve ser pensada. Para o autor, essa mediação é implica num movimento de circulação de significados que vão além dos limites textuais para oferecer descrições da realidade. Desse modo, o autor defende que a mediação não começa ou termina no texto: “a mediação é infinita, produto do desenredamento textual nas palavras, nos atos e nas experiências da vida cotidiana” (SILVERSTON, 2014, p. 37).

2 ESTUDOS CULTURAIS

Considerados como o berço epistemológico dos estudos que levam em conta o receptor e as audiências, o desenvolvimento dos Estudos Culturais é marcado pela ausência de uma unificação de referenciais teóricos e metodológicos. O escopo teórico que veio a constituir a gênese desse campo de estudo tem como instituição fundadora o Centro de Estudos Culturais Contemporâneos (na sigla em inglês, CCCS) da Universidade de Birmingham, na Inglaterra. Embora tenham se espalhado por diversas partes do globo e assumido diferentes vertentes, essa instituição de ensino britânica é aceita como o espaço da gênese do que se conceituou como Estudos Culturais.

Ana Carolina Escosteguy (1997) considera como sendo os três textos fundantes dos Estudos Culturais britânicos os trabalhos de Richard Hoggart (*The Uses of Literacy*, de 1957), Raymond Williams (*Culture and Society*, de 1958) e E. P. Thompson (*The Making of the English Working-class*, de 1963).

Segundo Escosteguy, os estudos de Hoggart recaem predominantemente sobre materiais culturais dos meios de comunicação e da cultura de massa por meio de abordagens qualitativas. “Esse trabalho inaugura o olhar de que no âmbito popular não existe apenas submissão, mas também resistência” (ESCOSTEGUY, 1997, p. 88-89).

Na obra de Raymond Williams, os avanços encontram-se no desenvolvimento dos debates que avaliam o impacto dos meios de massa na cultura. O autor também se dedica à análise literária a partir de investigação do social (ESCOSTEGUY, 1997).

Por sua vez, E. P. Thompson reconstrói parte da história da Inglaterra numa perspectiva social, do ponto de vista dos menos favorecidos. O pesquisador também tem a compreensão da cultura, não como um modo de vida global, mas como uma rede de relacionamentos e práticas que fundam a vida cotidiana (ESCOSTEGUY, 1997).

Apesar de apresentar tais projetos como textos fundantes dos Estudos Culturais, é importante lembrar que é possível encontrar outras explicações para o início dos trabalhos desse campo de estudo, em diferentes partes do mundo. Essa diversidade de histórias genealógicas é uma das fortes características dos Estudos Culturais.

A interdisciplinaridade e a dispersão territorial em que se desenvolveram os Estudos Culturais não são considerados, pela predominância dos autores, como algo negativo, uma vez que permite uma diversificação de contribuições teóricas (como o marxismo, o estruturalismo). Para Costa e Rodrigues o processo acaba por contribuir para o desenvolvimento “de um pensamento onde a cultura assume papel destacado” (COSTA; RODRIGUES, 2014, p. 130).

Por causa dessa capilaridade de seu desenvolvimento em diferentes países, Martino (2012) destaca que os Estudos Culturais sofrem certa dificuldade de conceituação e de definições metodológicas. Mesmo que, segundo o autor, não haja um consenso no que se refere à definição desse repertório, Martino aponta denominadores comuns aos Estudos Culturais:

de uma maneira nominalista, seria possível dizer que “Estudos Culturais” são o que se chama de “Estudos Culturais”. Sem objeto, sem método, mas com uma postura intelectual, um olhar e – talvez aí resida o diferencial – uma concepção ampla da cultura como uma prática cotidiana ligada a um contexto político (MARTINO, 2012, p. 93).

No que se refere à indefinição metodológica dos Estudos Culturais, Martino (2012) afirma que “longe de ser um problema, parece de fato se constituir na única definição dos Estudos Culturais” (MARTINO, 2012, p. 96).

Martino (2012) destaca ainda que os Estudos Culturais são marcados por certa dominância de algumas grandes áreas, como os estudos de gênero, juventude, culturas urbanas e mídias e de alguns objetos comuns, tais como produções culturais, textos de mídia e práticas cotidianas ligadas à recepção.

No que se refere aos objetos de pesquisa dos Estudos Culturais em comunicação, Costa e Rodrigues (2014) defendem que as abordagens inauguram um

desejo de entendimento pelo que se passava no popular. Trata-se de uma crítica à inércia do receptor. Os autores consideram que a comunicação passou a ser vista como um processo de trocas, interações e partilhas.

Nesse contexto, comunicação deve privilegiar os interlocutores, atribuindo-lhes papéis, inserindo-os em um processo de produção e interpretação de sentidos, identificação dos discursos e apreensão das práticas discursivas dentro de um processo dinâmico, vivo e interativo em que seus partícipes constroem-se socialmente (COSTA; RODRIGUES, 2014, p. 129).

Alguns autores destacam ainda a importância de se separar os Estudos Culturais dos estudos da cultura. Restepro (2015) defende que não é o bastante que se fale em cultura para se inserir uma pesquisa no escopo dos Estudos Culturais. Para o autor, “confundir Estudos Culturais com pensamento crítico cultural, com estudos críticos da cultura ou com teorias contemporâneas culturais é um descuido analítico” (RESTEPRO, 2015, p. 23).

2.1 ESTUDOS CULTURAIS LATINO-AMERICANOS

Frente à dianteira tomada pelos pesquisadores britânicos em classificar seus projetos dentro dos Estudos Culturais e tomadas as dificuldades em marcar na história o nascimento de um movimento científico, Restepro (2015) defende que não se deve considerar os Estudos Culturais latino-americanos como um movimento tardio. O autor argumenta que ensaios produzidos no final do século XIX e início do XX são provas de que o campo já vinha desenvolvendo uma tradição própria na América Latina antes do lançamento dos estudos britânicos e estadunidenses divulgados a partir da década de 1960.

Assim, certos autores latino-americanos haviam se adiantado ao que constitui a etiqueta dos Estudos Culturais quando esta foi cunhada na Inglaterra, nos anos sessenta; ou, talvez mais adequadamente, o que depois começa a ser identificado, nos anos noventa, como “Estudos Culturais latino-americanos” tem uma densidade histórica e uma genealogia própria (RESTEPRO, 2015, p. 23).

Restepro (2015) defende ainda que, quando se fala em Estudos Culturais latino-americanos, não há que se esperar uma homogeneidade. Embora não discorde da ideia de que existe uma especificidade na América Latina, o autor destaca que os Estudos Culturais não são livres de conflitos e heterogeneidades.

Entre as principais contribuições para do referido campo de estudo na América Latina está o desenvolvimento do conceito de culturas híbridas, promovido pelo antropólogo argentino Néstor García Canclini. Nascida do cruzamento de manifestações que não se inserem nem no culto, nem no popular, a hibridização cultural precisa ser avaliada por outras dimensões que não exclusivamente as categorias dicotômicas utilizadas quando convencionalmente se fala do popular (tradicional e moderno ou subalterno e hegemônico) (CANCLINI, 2015).

Importante observar a influência da urbanização do processo de hibridização das culturas, conforme pondera Canclini (2015). O autor destaca que a vida urbana não significa a dissolução do sujeito no anonimato, mas sim na formação de grupos populares fragmentados que não encontram na cidade um espaço de constituição de suas identidades. Para o autor, por vezes, são os meios de comunicação são capazes de contribuir para superar a fragmentação cultural que se realiza nesse cenário. Nesse ponto, Canclini avalia que a mídia se transformou numa espécie de grande mediadora, substituindo outras interações coletivas.

A partir dessa noção descentralizada de formação de identidades e manifestações culturais, Canclini (2015) discute ainda que se constroem o que chama de poderes oblíquos. Para o autor, o poder deixa de ser exercido num processo estritamente vertical e unidirecional e passa a se estruturar numa rede entrelaçada numa perspectiva não somente de sobreposição de umas formas de dominações, mas de potencialização de tais dominações.

3. ESTUDOS DE RECEPÇÃO

A partir da proposição de uma abordagem metodológica, os estudos de recepção oferecem aos Estudos Culturais Latino-americanos a possibilidade de uma superação epistemológica. Propondo estudos interdisciplinares e abordagens multi-métodos, “os estudos latino-americanos ganham corpo e consideração científicos, a partir da consolidação das teorias das mediações e das hibridizações” (COSTA; RODRIGUES, 2014, p. 137).

Por sua vez, os estudos de recepção também recebem contribuições dos Estudos Culturais britânicos. Para Costa e Rodrigues (2014), essas contribuições podem ser resumidas (1) na concepção da comunicação como um processo de recepção e

resposta, e não apenas de transmissão, conforme indicou Raymond Williams na obra *Culture and Society*; (2) na concepção de um receptor que pode aceitar ou negar o que é proposto pela mídia; e (3) na abordagem do sujeito a partir de seu perfil étnico, sexual e de consumo (COSTA; RODRIGUES, 2014).

A proposta dos estudos de recepção se desenvolveu no bojo da temática das culturas populares, desenvolvidas por Nestor Garcia Canclini. Considerado como um campo de pesquisa relativamente recente, os estudos de recepção se desenvolveram na América Latina na década de 1980. Fortemente influenciados pelas vertentes teóricas que estudava criticamente comunicação e a cultura de massas, os estudos representavam uma reflexão alternativa às análises dos estudos da Escola de Frankfurt, dos estudos funcionalistas e da vertente semiótica que predominava até o momento (LOPES, 1993).

Lopes (1993) define a recepção como um processo cultural e político, que não pode ser reduzido ao psicológico e ao cotidiano. Para a autora,

Os processos de recepção devem ser vistos como parte integrante das práticas culturais que articulam processos tanto subjetivos como objetivos, tanto micros (ambiente imediato controlado pelo sujeito) como macros (estrutura social que escapa a esse controle). A recepção é então um contexto complexo e contraditório, multidimensional em que as pessoas vivem o seu cotidiano. Ao mesmo tempo, ao viverem esse cotidiano, as pessoas se inscrevem em relações de poder estruturais e históricas, as quais extrapolam as suas práticas (LOPES, 1993, p. 85).

Estudos apontam ainda para a recepção não como uma área de pesquisa sobre componentes que constituem os processos de comunicação, mas como “uma perspectiva de investigação” que busca a “superação dos impasses a que tem nos levado a investigação fragmentadora e, portanto, redutora do processo de comunicação em áreas autônomas de análise: da produção, da mensagem, do meio e da audiência” (LOPES; BORELLI; RESENDE, 2002, p. 39).

White (1998) explica que os estudos de recepção nasceram da mudança de perspectiva que saiu da análise das mídias ativas para as audiências. O autor, que prefere classificar os estudos na área não como uma Teoria de Recepção, mas como Teoria de Interpretação das Audiências, considera que “os efeitos da mídia devem ser estudados no que se refere às construções subjetivas de significados, tanto a construção atribuída à mídia quanto as que são desenvolvidas em resposta à mídia” (WHITE, 1998, p. 58).

O início dos estudos de recepção foi marcado por um deslocamento teórico em que “a teoria da recepção não encontrava ressonância na teorização feita nas pesquisas empíricas sobre os públicos” (LOPES, 1993, p. 83). Acrescidos ainda de uma inadequação de combinações de técnicas, a autora considera que o período foi caracterizado pelo desenvolvimento de estudos que receberam tratamentos metodológicos insuficientes a partir de objetos teóricos desatualizados (LOPES, 1993).

Porém, na segunda metade da década de 1980 esses gargalos relacionados à perspectiva teórica começam a ser superados com o desenvolvimento dos estudos das mediações, de acordo com Lopes (1993). Considera-se que tais estudos contribuíram para o desenvolvimento da pesquisa crítica na América Latina.

Os estudos das mediações foram, de maneira mais relevante, levados a cabo por Martín-Barbero (2015). Para o autor, “o campo daquilo que denominamos mediações é constituído pelos diversos dispositivos através dos quais a hegemonia transforma por dentro o sentido do trabalho e da vida da comunidade” (MARTÍN-BARBERO, 2015, p. 265).

Martín-Barbero (2015) abre discussão acerca do papel da comunicação na formação de novos modelos de sociedade e na inserção da cultura como um fator de mercado. Nesse sentido, o autor destaca que “a comunicação e a constituem hoje um campo primordial de batalha política” (2015, p. 13).

Na virada do milênio, quando as discussões sobre os conceitos de mediação já demonstravam avanços, Figaro (2000) defendia que os meios de comunicação precisavam ser entendidos como mediadores entre a sociedade e a realidade. Considerando a mídia como uma mediadora de discursos, assim como grupos sociais, a comunicação midiática precisa ser pensada como um processo de inter-relação por meio do qual a sociedade deve ser compreendida. Além disso, considera que é preciso “resgatar a cultura, a ideia de sujeito. Se não retomarmos a ideia de relações sociais, o conceito de cultura e mesmo o conceito do que é o sujeito não conseguiremos pensar no processo de comunicação” (FIGARO, 2000, p. 39).

Nesse sentido, Lopes (2014a), destaca que a priorização de abordagens do comunicacional em detrimento do midiático já produz a reafirmação de uma sociedade da informação generalizada proposta por Gianni Vattimo em 1989.

Importante destacar que os estudos de recepção contribuem ainda para uma realocação do conceito de audiência. Lopes, Borelli e Resende (2002) definem audiência como

um conjunto de pessoas quem contato com uma mensagem, em que o interesse recai sobre os níveis de duração da exposição, probabilidade de percepção, condições de contato, colhidos por instrumentos de medida tomados da psicologia experimental e social (Lopes, Borelli e Resende, 2002, p. 28).

Nesse sentido, as autoras destacam que os estudos de recepção têm provado que as audiências não são formadas por “dopados culturais” a partir das descrições etnográficas realizadas durante os estudos. São, ao contrário, indivíduos que retiram dos textos sentidos particulares do que recebem.

4 METODOLOGIA UTILIZADA

Mesmo com o desenvolvimento dos estudos de mediação, Lopes (1993) considera que permanecia entes os estudos de recepção uma problemática do desenvolvimento de um escopo metodológico apropriado:

Os planos metodológicos, tanto de observação e de coleta, como de análise dos dados são em geral débeis, acanhados, devido aos problemas já apontados, e que podem ser resumidos na falta de uma estratégia multi-métodos. Em consequência, a análise dos dados acaba resultando exterior ao modelo teórico e por vezes até forçada a corresponder a ele (LOPES, 1993, p. 83-84).

Para proceder à análise comparativa entre os discursos das audiências e das mídias, considerada elementar para os estudos de recepção, Lopes aponta um caminho metodológico. A autora defende a prática multi-métodos utilizando técnicas de abordagem qualitativa e quantitativa “que combine os planos sociológico, sócio-psicológico e psicológico da audiência” (LOPES, 1993, p. 82).

Para o desenvolvimento do estudo multidisciplinar na abordagem multi-métodos, a autora sugere: (1) usar mais de uma técnica combinada; (2) avaliar o fenômeno estudado em tempos diferentes (abordagem longitudinal) e a partir de uma abordagem intercultural comparativa; e (3) a elaboração de categorias de análise de conteúdos que com base em teorias da estrutura social e da subjetividade (LOPES, 1993).

Portanto, o que se propõe como uma teoria compreensiva da pesquisa de audiência compreende no mínimo três componentes:

- 1) uma teoria da estrutura social (em que meios e audiências estão embutidos);
- 2) uma teoria do discurso (que dê conta da natureza das representações feitas pelos meios);
- 3) uma teoria das disposições sócio-culturais e sócio-psicológicas (com as quais os indivíduos abordam e interagem com o conteúdo dos meios) (LOPES, 1993, p. 82-83).

Em meio ao desenvolvimento de estudo de recepção de telenovelas, Lopes et al. (1999) justificam que “a exigência do uso de várias técnicas não é um problema de número, mas responde aos vários pontos de vista teóricos que expressam e que definem qualidades diferenciadas nos dados que são coletados” (LOPES et al, 1999, p. 166).

De maneira mais simplificada, White (1998) considera que as pesquisas de recepção devem ter como norte metodológico a aplicação da etnografia, que exige uma ressignificação da mídia a partir do pesquisador. O autor destaca que “estes estudos estão mais voltados para a interpretação que as audiências fazem do significado dos produtos culturais” (1998, p. 58).

Para Lopes (1993), o uso da etnografia tem sido um avanço de fundamental relevância para mostrar que os receptores devem ser abordados como sujeitos críticos e ativos que produzem os próprios significados a partir da produção da mídia.

Daniela Schmitz et al. (2015) desenvolveram um levantamento sobre os estudos *stricto sensu* de recepção realizado no Brasil entre os anos 1990 e 2009. A proposta era identificar de que maneira os estudos têm contribuído para o avanço teórico para os estudos brasileiros e identificar entraves para a pesquisa.

Sobre os avanços da década, tem-se a sólida contextualização dos objetos de pesquisa, aprofundamento da discussão sobre as identidades, abordagem multimetodológica e exploração de cenários empíricos pouco ou nada conhecidos (SCHMITZ et al, 2015, p. 124).

Apesar do desenvolvimento de estudos que trabalham autores e conceitos de forma articulada, as autoras indicam que a maioria dos trabalhos ainda aponta soluções e críticas muito similares às produzidas na década de 1990. Para Schmitz et al., “generalizações precisam ser evitadas, ao mesmo tempo em que devem dar espaço para o enfrentamento da complexidade do campo em reconfiguração a partir de métodos e teorias densas e comprometidas com o atual cenário” (SCHMITZ et al, 2015, p. 126).

Ainda que surjam críticas às bases metodológicas dos Estudos Culturais e de recepção, Costa e Rodrigues (2014) defendem que a pesquisa desenvolvida dentro desses campos é capaz de lançar luz sobre questões de produção, recepção e relações sociais. Para os autores,

os estudos de recepção contribuirão de maneira profícua para o desenvolvimento de reflexões dentro do campo comunicacional e que as contribuições tidas dos Cultural Studies fortalecem o entendimento e a necessidade de estudar como se constituem os lugares de circulação de narrativas dentro dos processos de subjetivação (COSTA; RODRIGUES, 2014, p. 144).

Lopes (1993) explica ainda que na década de 1990 alguns outros estudos também tinham como interesse verificar a relação entre as mídias e as audiências, tais como as correntes de pesquisa dos usos e gratificações, estudos da crítica literária, estudos culturais e estudos dos efeitos. De acordo com a autora, todas as propostas se diferenciam entre si pelas escolhas metodológicas, os pressupostos teóricos e a concepção de recepção que originaram de seus campos teóricos (LOPES, 1993).

5 AVANÇOS E CONTRIBUIÇÕES

No que se refere ao desenvolvimento dos Estudos Culturais, Martino (2012) considera que uma das maiores contribuições dessa linha de pesquisa foi a inclusão das práticas culturais do cotidiano como um objeto legítimo para os estudos acadêmicos, “sem serem discriminados pelo fato de terem sido produzidos no âmbito da indústria cultural – ou sem a atribuição, a priori, de uma qualidade duvidosa apenas por conta de sua origem” (MARTINO, 2012, p. 93).

Para o autor, isso permite um envolvimento da pesquisa acadêmica com inúmeras formas de experiência contemporâneas que estariam fora do circuito dos estudos científicos, não fosse essa abertura (MARTINO, 2012). Desse modo,

elementos ligados às culturas jovens, ao feminino, às culturas queer, aos estudos pós-coloniais e, de maneira geral, ao pensamento das margens obtiveram um espaço para serem pensados academicamente, não apenas em termos de compreensão, mas de prática teórica e ação social (MARTINO, 2012, p. 99).

O desenvolvimento dos Estudos Culturais também é considerado um momento de ruptura. O campo emergente de estudos é uma crítica à Teoria dos Usos e

Gratificações, que atribuía extrema liberdade ao receptor diante dos conteúdos da mídia (WHITE, 1998). Os Estudos Culturais, por sua vez, consideram que a autonomia da audiência é relativa e que não é admissível esperar que não haja intencionalidades nos sentidos impostos pelo emissor (GROHMANN, 2009).

Nessa perspectiva, Martín-Barbero (2015) também indica que os estudos de recepção são um avanço em que os estudos passam a vislumbrar a comunicação fora de um espaço limitado, mas a partir de “mensagens que circulam, de efeitos e reações, para ressituar sua problemática no campo da cultura” (MARTÍN-BARBERO, 2015, p. 302).

Costa e Rodrigues (2014) consideram ainda que uma das grandes contribuições dos Estudos Culturais é envolver a abordagem dos processos desenvolvidos na área de comunicação com a cultura sem, no entanto, confundi-los:

entende-se que a cultura está fora, mas também dentro dos meios de comunicação, que, dentre outras coisas, veiculam culturas tanto hegemônicas quanto subalternas (alternativas), participando das intensas trocas de sentidos entre os meios e a audiência, que, antes pensada vir somente de um dos polos (meios), entende-se hoje que é negociada, pois provém, também, das mediações utilizadas na recepção (COSTA; RODRIGUES, 2014, p. 129).

Lopes (1993) considera ainda que é na compreensão das estruturas de poder que reside uma grande contribuição dos estudos latino-americanos sobre as mediações. Para a autora, esse campo de estudo reforçam a perspectiva de que a produção e reprodução de mídias não estão apenas relacionadas à construção de processos de significação, mas é principalmente uma questão de poder.

Para Lopes (2014a), a principal contribuição dos estudos de mediações desenvolvidos na América Latina é a “tentativa de ultrapassar abordagens teóricas fragmentadas e simplificadas posicionando as mediações como uma perspectiva teórica integrada da produção, produto e audiência dentro dos estudos comunicacionais [grifo da autora]” (LOPES, 2014a, p. 66). Nesse sentido, a autora destaca que a comunicação perde em seu caráter reprodutivista e passa a ser vista mais como um espaço de produção de sentidos para a vida.

Entre os principais avanços dos estudos de recepção, Martín-Barbero (2015) considera a conversão da comunicação em espaço de transformações da cultura a partir de uma mudança do papel do receptor, não como um mero decodificador, mas como um produtor de significações a partir das mensagens que recebe. Por isso, o autor defende

que os debates se desloquem “dos meios para as mediações, isto é, para as articulações entre as práticas de comunicação e movimentos sociais, para as diferentes temporalidades e para a pluralidade de matrizes culturais” (MARTÍN-BARBERO, 2015, p. 261).

Entre os avanços dos estudos de recepção, o desenvolvimento das Tecnologias de Informação e Comunicação (TICs) tem vislumbrado ainda o apontamento do que se tem chamado de mediações digitais (LOPES, 2014b). Porém, embora os meios tenham produzidos novas práticas e novas formas de interação social, Lopes considera que não se deve confundir comunicação com o uso das técnicas, o que seria “tão deformador como pensar que eles sejam exteriores e acessórios à comunicação” (LOPES, 2014b, p. 14).

5.1 CODIFICAÇÃO/DECODIFICAÇÃO

Embora intimamente relacionado com a gênese dos Estudos Culturais, uma das mais importantes contribuições do sociólogo jamaicano Stuart Hall foi o desenvolvimento do sistema de codificação/decodificação. A proposta busca superar o circuito linear da comunicação, caracterizado pelo processo emissor - mensagem - receptor. Para o autor, é necessário pensar o processo como uma estrutura articulada por etapas distintas, de produção, circulação, distribuição/consumo e reprodução, o que seria pensar o processo “como uma complexa estrutura de dominância (HALL, 2003, p. 387).

Nesse processo, as formações discursivas são construídas a partir de formas específicas de comunicação e linguagem. E é a partir dessas formações que são construídos os produtos a que estão sujeitas as audiências. Hall (2003) defende que, concluído o discurso, ele precisa ser traduzido em práticas sociais para que se complete o circuito da comunicação e se possa perceber os seus efeitos.

No modelo de codificação/decodificação, Hall (2003) propõe que o discurso, constituído pela produção do processo comunicativo, constrói mensagens dentro de um referencial de sentidos e ideias em que se resume a codificação. Para alcançar as audiências e promover mudanças e efeitos, essa mensagem deve ser apropriada para uma decodificação significativa para o receptor: “É esse conjunto de significados decodificado que “tem um efeito”, influência, entretém, instrui ou

persuade, com consequências perceptivas, cognitivas, emocionais, ideológicas, ou comportamentais muito complexas” (HALL, 2003, p. 390).

O autor destaca que os códigos de codificação e decodificação nem sempre são simétricos. Essa equivalência depende dos graus de identidade/não-identidade que os códigos transmitidos durante o processo. Tendo como causa as diferenças estruturais de posições entre o codificador/produtor e o decodificador/receptor, a falta de equivalência pode gerar distorções e mal-entendidos nos processos de comunicação. E é nessa lacuna em que se inserem os estudos de audiência. (HALL, 2003).

6 DESAFIOS

Discutindo a pesquisa a partir da centralidade do receptor enquanto agente produtor de sentido, Grohmann (2009) defende que a metodologia de pesquisa dos estudos de recepção deve avançar no que se refere à valorização do papel do pesquisador responsável pelo estudo. Para o autor, uma vez que o pesquisador faz parte do jogo social, é preciso aprimorar a “etnografia de audiência” a partir da “objetivação participante”, conceitos apresentados por James Clifford, em 2002.

Outra ponderação do autor é que os estudos de recepção devem dedicar mais atenção à formação dos espaços sociais em que ocorrem as interações: “o conceito de mediação, portanto, tem que passar pela formação histórica destes espaços sociais, além da formação das pessoas em interação neste espaço” (GROHMANN, 2009, p. 12). Nessa perspectiva, Grohmann (2009) defende o estabelecimento do que chama de “metodologia relacional”, a partir da qual a realidade deve ser investigada a partir do espaço social do objeto estudado – seja ele da classe ou grupo social que for.

Lopes, Borelli e Resende (2002) alertam ainda para o desafio de se realizar um estudo de recepção sem perseverar em análises funcionalistas. Para as autoras, é preciso evitar o simplismo metodológico funcionalista que, ao não explicitar princípios de análise e nem mesmo analisar as categorias que compõem um objeto de estudo, “acumula indicadores que dizem concretamente muito pouco, sem pertinência teórica sobre o fenômeno social em estudo” (LOPES; BORELLI; RESENDE, 2002, p. 382).

7. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Tendo em vista a força e a representação dos poderes econômicos e simbólicos exercidos pela mídia desde suas primeiras manifestações, é compreensível que os estudos em comunicação tenham se desenvolvido prioritariamente sobre a perspectiva de suas influências e efeitos. Porém, os Estudos Culturais britânicos e latino-americanos mostram que o momento de realização de leituras homogêneas a partir de uma perspectiva de dominação absoluta dos meios deve estar superado.

Sem, obviamente, desprestigiar os estudos desenvolvidos acerca da força das mídias, as reflexões nos mostram que a complexidade da formação dos sujeitos, das culturas e das sociedades não pode mais ser desprezada ou relegada a um segundo plano nos estudos de comunicação. Uma vez que muito já se avançou e muito já se sabe sobre os processos de formação dos discursos das mídias, os estudos de comunicação devem apontar agora para uma visão mais completa dos sujeitos, se quiserem efetivamente propor novos paradigmas e teorias.

Nesse contexto, os estudos de recepção, sustentados pelas abordagens teóricas e metodológicas dos Estudos Culturais, apontam um caminho para a tomada de espaço das audiências – cujo próprio conceito possivelmente precise ser complementado pela perspectiva do sujeito – nos estudos de comunicação.

Embora, como mostra o presente trabalho, muitos avanços teóricos e conceituais já tenham sido realizados no Brasil e na América Latina, considera-se que a pesquisa de campo precisa avançar no sentido de verificar a aplicabilidade dos conceitos na realidade social. É preciso, portanto, levar os estudos de recepção para dentro dos espaços onde ocorrem os processos sociais de comunicação – especialmente, para além das fronteiras da televisão, onde pesquisas importantes já foram realizadas – para consolidar sua contribuição entre os trabalhos das ciências sociais e humanas.

8. REFERÊNCIAS

CANCLINI, Nestor García. **Culturas Híbridas: Estratégias para Entrar e Sair da Modernidade**. 7. ed. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2015.

COSTA, Fábio Soares da; RODRIGUES, Janete de Páscoa. Contribuições dos cultural studies para o estudo da mídia e da produção de subjetividades nas pesquisas em recepção. **Revista FSA**, Teresina, v. 11, n. 2, p. 126-147, abr./jun. 2014.

ESCOSTEGUY, Ana Carolina. Uma Introdução aos Estudos Culturais. **Revista Famecos**. v. 5, n. 09. p. 87-97. 1998.

FIGARO, Roseli. Estudos de recepção para a crítica da comunicação. **Comunicação & Educação**, v. 17, p. 37-42, jan./abr. 2000.

GROHMANN, Rafael do Nascimento. O receptor como produtor de sentido: estudos culturais, mediações e limitações. **Revista Anagrama**, ano 2, ed. 4, set/dez., 2009.

HALL, Stuart. **Da diáspora: Identidades de mediações culturais**. Belo Horizonte: UFMG, 2003.

LOPES, Maria Immacolata Vassalo de Lopes. Estratégias metodológicas para pesquisa de recepção. **Revista Brasileira de Comunicação/INTERCOM**, v. 16, n. 02, p. 78-86. 1993.

LOPES, Maria Immacolata Vassalo de Lopes. et. al. Mediações na recepção de telenovela. **Comunicação e Informação**, v. 2, n. 2, p. 144-175, jul/dez . 1999.

LOPES, Maria Immacolata Vassalo de Lopes; BORELLI, Silvia Helena Simões; RESENDE, Vera da Rocha. **Vivendo com a telenovela: mediações, recepção, teleficcionalidade**. São Paulo: Summus, 2002.

_____, Mediação e recepção. Algumas conexões teóricas e metodológicas nos estudos latinoamericanos de comunicação. **Matrizes**, v. 8, n. 1, p. 65-80, jan./jun. 2014a.

_____, Algumas Reflexões Metodológicas sobre a Recepção Televisiva Transmídia. **Revista Geminis**, Ed. Especial, p. 13-16. 2014b.

MARTÍN-BARBERO, Jesús. **Dos meios às mediações: comunicação, cultura e hegemonia**. 7. ed. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 2015.

MARTINO, Luis Mauro Sá. A área dos Estudos Culturais: consenso genealógico e indefinição epistemológica. **Comunicação & Sociedade**, ano 33, n. 57, p. 79-101. 2012.

RESTREPO, Eduardo. **Sobre os Estudos Culturais na América Latina**. Educação, v. 38, n. 01, p. 21-31. 2015.

SCHMITZ, Daniela. et al. Estudos de recepção: estado da questão e os desafios pela frente. **Intercom – RBCC**. São Paulo, v.38, n.1, p. 109-128. 2015.

SILVERSTON, Roger. **Por que estudar a mídia?** 4. ed. São Paulo: Loyola, 2014.

WHITE, Robert A. Recepção: a abordagem dos estudos culturais. **Comunicação & Educação**, v. 12, p. 57-76, mai./ago. 1998.